

Senado vive crise sem precedentes

Em pouco mais de 1 ano foram 3 renúncias, incluindo a de Jader, e uma cassação

LUCIANA NUNES LEAL

BRASÍLIA – Ao comunicar que renunciava à presidência do Senado para “preservá-lo e servi-lo”, o peemedebista Jader Barbalho insistiu na tese de que a instituição não pode ser contaminada pelo clima de acusações, investigações e a permanente ameaça de cassação que vigorou nos últimos meses. Talvez seja tarde demais. A Casa dos Senatos e o Céu na Terra já foram algumas expressões usadas para designar o Senado. A confraria de políticos experientes, que divergiam sem trocar ataques e funcionavam como contraponto às turbulências da Câmara, está, porém, em crise.

Em pouco mais de um ano, um senador, Luiz Estevão, teve o mandato cassado, outros dois, José Roberto Arruda e Antonio Carlos Magalhães, renunciaram para escapar do mesmo destino. Ontem, mais um, Jader Barbalho, abriu mão do terceiro cargo na linha sucessória do presidente da República, para salvar o mandato. “O Senado ainda é uma Casa de poucos conflitos. Mas agora, quando estes acontecem, viram uma hecatombe”, brin-

ca o senador do PMDB gaúcho José Fogaça, um dos candidatos à sucessão de Jader.

“Mas não é um pacote ético ou coisa desse tipo que vai tirar o Senado desta enorme crise. É uma disposição geral para a mudança”, continua o peemedebista Fogaça.

O presidente do PFL, Jorge Bornhausen (SC), lembra o mandato anterior, entre 1983 e 1991, quando o Senado “era quase um clube de amigos”. “Foi um período intenso, de muito peso, respeito mútuo, uma Casa educada. Não tinha tanta gente querendo aparecer tanto sem ter nada a dizer”, diz, atribuindo o fenômeno à existência da TV Senado.

O senador catarinense viu seu próprio partido sofrer com o desgaste da renúncia de um dos mais influentes e poderosos políticos dos últimos 30 anos, Antonio Carlos Magalhães, antecessor de Jader Barbalho na presidência do Senado e maior inimigo do senador paraense.

Para recuperar a normalidade, Bornhausen apontava, no início da tarde de ontem, um primeiro passo: “Convenecer José Sarney a ser presidente do Senado.”

Cassação, renúncias, mor-

tes, eleições e conveniências regionais levaram o Senado a ter um quarto de seus integrantes afastados. Hoje, 19 suplentes ocupam os cargos dos titulares. Alguns são desconhecidos dos próprios colegas, que trocam seus nomes e não conseguem lembrar quem estão substituindo.

Mãos Limpas – Pergunte-se ao senador pernambucano Roberto Freire, do PPS, os motivos de tamanha crise no Senado e ele dirá, imediatamente: “Isso é a nossa Operação Mãos Limpas.” Freire não tem uma visão negativa do processo de denúncias e renúncias que marcou este ano legislativo.

“Arrisco dizer que o Brasil é capaz de estar vivendo o mo-

mento de maior punição da corrupção. E, para isso, a lama tem de aparecer. E não é porque no Legislativo algumas pessoas têm folha corrida e não currículo que a imagem será afetada. Ano que vem mesmo haverá renovação de dois terços do Senado. É uma boa oportunidade para a população, que é soberana na escolha, perceber que não é tudo farinha do mesmo saco”, defende Freire, reconhecendo que, “para alguém da oposição”, seu discurso é bem otimista.

PARA
FREIRE, A
‘LAMA’ TINHA
DE APARECER